

Personagens velhos em obras de literatura infantil: cenas de convivência intergeracional e de isolamento social

Elderly characters in children's literature: scenes of intergenerational coexistence and social isolation

Personajes viejos en la literatura infantil: escenas de convivencia intergeneracional y aislamiento social

Daniela Ripoll¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil.

Iara Tatiana Bonin²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Rosa Maria Hessel Silveira³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

A partir de uma série de estudos desenvolvidos anteriormente sobre o tema da velhice na literatura infantil contemporânea, o presente trabalho tem como objetivo analisar, desde a perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, como um conjunto de obras da literatura infantil recente posiciona os personagens velhos na narrativa. Foram identificadas três tendências representacionais principais no que diz respeito aos personagens velhos e o espaço no qual as ações destes se desenrolam: a primeira tendência reúne narrativas em que os personagens velhos estão inseridos em contextos familiares ampliados, convivendo em uma mesma residência com filhos e netos, sendo a velhice representada de forma integrada ao cotidiano familiar, marcada por interações constantes e pela partilha de experiências intergeracionais. A segunda tendência apresenta o personagem velho em sua própria residência, espaço no qual recebe a visita de familiares (em especial, dos personagens netos). Já a terceira tendência, mais rara, reúne histórias de personagens velhos solitários, desvinculados de relações parentais diretas.

Palavras-chave: Estudos Culturais em Educação; Literatura Infantil; Representações de velhice.

¹ Doutora em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7247-2600>. E-mail: dripoll76@gmail.com.

² Doutora em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7156-8849>. E-mail: itbonin@gmail.com.

³ Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5797-6627>. E-mail: itbonin@gmail.com.



Abstract

Based on a series of previous studies on the theme of old age in contemporary children's literature, this work aims to analyze, from the theoretical perspective of Cultural Studies in Education, how a set of recent children's literature works positions elderly characters in the narrative. Three main representational trends were identified regarding elderly characters and the space in which their actions unfold: the first trend brings together narratives in which elderly characters are inserted in extended family contexts, living in the same residence with children and grandchildren, with old age represented in an integrated way in family life, marked by constant interactions and the sharing of intergenerational experiences. The second trend presents the elderly character in their own home, a space in which they receive visits from family members (especially grandchildren). The third trend, rarer, brings together stories of solitary elderly characters, detached from direct parental relationships.

Keywords: Cultural Studies in Education; children's literature; representations of old age.

Resumen

En la literatura infantil contemporánea, un tema sensible y que nos interesa particularmente es el de la vejez. Bien sea abordado desde el punto de vista de las relaciones con los hijos y con los nietos; ya sea considerado como una etapa de la vida, repleta de problemas de salud (Alzheimer, demencia, pérdida de memoria, dificultades diversas, ausencias, etc.); o, bien, abordado como una etapa anterior a la muerte. Así, a partir de una serie de estudios previos sobre la vejez en la literatura infantil contemporánea, el presente trabajo tiene como objetivo analizar cómo un conjunto de obras de literatura infantil reciente posiciona los personajes viejos en la narrativa. De esta manera, constatamos que ciertas tendencias representacionales suelen insertar a estos personajes viejos en contextos intergeneracionales, familiares y sociales.

Keywords: Estudios Culturales y Educación; Literatura infantil; Representaciones de la vejez.

INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento no século XVIII, na Europa, a Literatura Infantil mobilizou imagens e representações distintas de infância, a partir de contextos sociais e históricos específicos em que os textos foram produzidos. Um sentido de infância marcado pela ingenuidade, inocência, candura e graça emerge naquele período histórico, associado à criança de família burguesa e, conforme Ariès (1981), estabelecendo um pacto de proteção simbólica a partir do qual as crianças deveriam ser protegidas do mundo dos adultos, e, ao mesmo tempo, moralizadas. Até meados do século XX, conforme Kirchof, Bonin e Silveira (2013), grande parte dos textos para crianças era produzida por pedagogos e professores e

em um registro explicitamente pedagógico e moralizador. Era comum, em narrativas que chegavam às escolas brasileiras em tempos de autoritarismo (como os da Ditadura Militar, entre 1964-1984), um desfecho exemplar e a finalização do texto com a explicitação de uma “moral da história”, indicativa da intenção de modelar a criança segundo valores adultos, aspecto que empobrece a experiência da leitura literária (Zilberman, 1987).

A partir dos anos 1970, no Brasil, ganha vulto a crítica aos propósitos puramente pedagógicos da literatura para crianças. Ao discorrer sobre o tema, Cademartori (2009) afirma que o tradicional vínculo entre literatura e escola gera tensões entre a função estética do texto literário e o ideal formador e moralizador da pedagogia, e tais tensões desafiam a produção de livros destinados ao público infantil. Em décadas mais recentes, consolida-se a tendência de produção de textos literários que priorizam a experiência estética, a ambiguidade e a problematização de temas sociais considerados complexos, alinhando a produção literária à representação da criança como sujeito dotado de capacidades para lidar com a complexidade do mundo. A leitura literária na escola emerge como espaço de disputas em torno dos sentidos de literatura e de infância. Nesse sentido, Carlo-Gomes e Cosson (2021) afirmam que há pelo menos quatro diferentes modos de entender a função do texto literário. O mais frágil e redutor concebe a literatura como entretenimento e diversão, sendo a escola responsável por criar hábitos e oportunizar o prazer em ler. Um segundo entendimento associa texto literário e desenvolvimento integral do leitor, sendo a literatura vista como instrumento pedagógico e forma de expressão de individualidades. Já o terceiro modo de entender a literatura vincula o texto às formas de acessar experiências dos outros e, também, como meio de desenvolver empatia (humanização, identificação positiva com personagens e seus dramas) ou de cultivar valores democráticos. Por fim, há quem entenda a função literária como experiência única e irrepetível que um leitor realiza na relação com a obra, a partir de um repertório que se amplia no manuseio da linguagem literária.

É, pois, no contexto das transformações que envolvem tanto o Moderno sentido de infância, quanto o sentido da literatura para crianças que temas como velhice, morte, adoecimento, violência, desigualdades étnico-raciais e sociais, racismo, estereótipos de corpo, gênero, sexualidade passam a figurar nos livros endereçados a pequenos leitores. Estes temas são considerados sensíveis ou “fraturantes” porque, justamente, “fraturam” o pacto de proteção simbólica firmado

em relação ao sujeito criança. A inserção de tais temas nos textos literários tensiona, de certo modo, os sentidos de incompletude, inocência e limitada capacidade de reconhecer e lidar com as emoções, atributos entendidos como “naturais” do ser criança. Além disso, Michèle Petit (2019), em seu trabalho com leitura em espaços de guerra e de migrações forçadas, destaca que a literatura pode atuar como um espaço simbólico de elaboração de traumas, conflitos e violência simbólica, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. No entender da autora, ao abordar temas sensíveis, o texto literário oferece ao leitor possibilidades de reconstrução subjetiva diante de adversidades.

Entretanto, conforme Colomer (2007), a formação de um leitor literário requer o contato com textos significativos que não simplifiquem a experiência humana e que ampliem os espaços interpretativos e estéticos na leitura literária. No mesmo sentido, Cosson (2014) afirma que a possibilidade de inserção de temas sensíveis na literatura infantil parte da aposta em um diálogo possível entre experiências da criança e criação literária, especialmente quando se trata de produções com delicadeza estética e cuidadoso tratamento gráfico-editorial. Em sentido semelhante, Silveira, Kirchof e Bonin (2021, p. 80) argumentam que a leitura e a mediação literária acontecem de forma produtiva quando as narrativas são instigantes, ricas, surpreendentes, “em que o texto e as ilustrações representem linhas de fuga que permitam evitar o óbvio e o banal”.

Na literatura infantil contemporânea, um tema sensível e que nos interessa particularmente é o da velhice - ora abordada sob o ponto de vista da relação com os filhos e netos, ora abordada como uma etapa da vida repleta de problemas de saúde (Alzheimer, demência, esquecimentos diversos, dificuldades diversas, ausências diversas etc.), ora abordada como fase anterior à morte. Assim, a partir de uma série de estudos desenvolvidos anteriormente sobre o tema da velhice na literatura infantil contemporânea (ver Kaercher e Dalla Zen, 2009; Silveira e Bonin, 2010; Silveira, Bonin, Ripoll, 2013; Silveira et al., 2013; Silveira, Ripoll, Kirchof, 2024), o presente trabalho tem como objetivo analisar como um conjunto de obras da literatura infantil recente posiciona os personagens velhos na narrativa. Assim, pretende-se identificar certas tendências representacionais no que diz respeito aos modos de inserção de personagens velhos em contextos intergeracionais, familiares e sociais.

LITERATURA INFANTIL E O TEMA DA VELHICE

Tratando-se das produções acadêmicas envolvendo literatura infantil e velhice, é importante mencionar, primeiramente, o estudo de Kaercher e Dalla Zen (2009), que explorou representações estereotipadas de velhice em 11 livros de literatura infantil. As autoras mostram como os personagens velhos são reduzidos à doença e à finitude da vida, bem como a constrangimentos e problemas diversos. O personagem velho doente também foi estudado por Silveira, Bonin, Ripoll (2013) a partir de 10 obras de literatura infantil, pois verificou-se certa proliferação de obras nesta direção – interessadas, sobretudo, em ensinar a criança leitora a lidar com situações decorrentes de doenças que atingem um avô ou avó. Percebeu-se, no conjunto de obras analisadas, a prevalência de discursos de divulgação científica, especialmente em torno da doença de Alzheimer.

O interessante trabalho de Rabinovich e Azambuja (2023) apresenta uma análise sobre o que seria a “nova imagem dos avós” na literatura para crianças: dos estereótipos corporais e comportamentais ainda encontrados em muitas obras (avós usando saia comprida e cabelos grisalhos curtos ou presos em coques; avôs e avós com dificuldades diversas de locomoção, visão, audição etc.; com problemas de saúde e esquecimentos; dependentes de familiares; sem vida social etc.), as autoras demonstram a presença, nos 13 livros analisados, de personagens avós ativas, que querem contribuir na criação dos netos e ajudá-los no enfrentamento do bullying feito por outras crianças. Mostram, ainda, avós em relações de cumplicidade e companheirismo com seus netos:

No total das histórias, as avós são mostradas de diversos modos e formas. Muitas delas são contemporâneas, participando de festas, viagens, cursos universitários e namoram, e há aquelas avós mais conservadoras, que vivem restritas ao lar. Algumas escolhem a idade avançada para tomar as rédeas de suas vidas em suas mãos: para trabalhar, para namorar. Todas participam ativamente da vida de seus netos e netas. Os treze livros ressaltam a relação da afetividade e de carinho entre crianças e adultos; o contexto espacial em que há casas com quintais e árvores frutíferas; a relação de trabalho, em que a mulher é profissional e mãe, assumindo dupla jornada; a relação temporal, retomando o passado através da memória; a relação social destacando o papel das mulheres em diversas situações;

e descreve a relação especial de intimidade e de segredos entre avós e netas. No entanto, nessas mudanças, a sociedade é mostrada como conservadora, o que pode ser visto nas histórias que retratam a neta ter vergonha da “avó diferente” (p. 11).

As autoras salientam, ainda, que as obras contemporâneas analisadas também mostram o personagem velho como um sujeito que tem um corpo “não apenas marcado pelo sofrimento, mas também pelo prazer, em namoros e recasamentos, e pela interação com os netos em nível de cumplicidade democrática” (Rabinovich; Azambuja, 2023, p. 12-13). De qualquer forma, mesmo que a eles e elas seja conferido um corpo potente em algumas produções mais recentes, personagens avôs e avós continuam sendo mostrados como velhos e, eminentemente, como sujeitos em déficit (de memória, de sanidade, de saúde, de vitalidade etc.) (Ramos, 2015; Rabinovich; Azambuja, 2023). Além disso, Barbosa (2018) ressalta que, comumente, na Literatura, “velhice e infância estão entrelaçadas em representações e significados, pois essas fases da vida apresentam um traço em comum, a falta: para o idoso, daquilo que já foi (o passado com suas memórias) e para o infante, do novo, ou seja, daquilo que ele ainda não viveu” (p. 244).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Do acervo reunido a partir do projeto “Narrativas, diferenças e infância contemporânea”, coordenado por Rosa Maria Hessel Silveira, selecionamos, a partir de um acervo ampliado e constituído por mais de uma centena de títulos, selecionamos algumas obras para integrar este estudo. Não fizemos distinção entre autores brasileiros e estrangeiros - apenas limitamo-nos àquelas obras publicadas em 1ª edição no Brasil entre 2010 e 2025 (ou seja, nos últimos 25 anos). Procuramos analisar algumas obras adquiridas recentemente, embora tenhamos selecionado, também, “velhas conhecidas” nossas para compor o *corpus* (por exemplo, *Blusa listrada com calça florida* e *Vovô é um super-herói*). Também escolhemos obras que apresentam certo equilíbrio entre imagem e texto, sendo, desse modo, endereçadas a um leitor criança.

As obras foram analisadas a partir do campo dos Estudos Culturais em Educação, tendo como suporte principal o conceito de representação (Hall, 2016). Para Hall, representar é dar uma forma ao mundo por meio de diferentes linguagens

em uma dada cultura - ou seja, é por meio da representação que pensamentos, ideias, sentimentos e práticas culturais são construídos, difundidos, negociados e, eventualmente, instituídos ou rechaçados. Além disso, para procedermos à análise das obras, utilizamos alguns dos entendimentos de Yves Reuter (2011) no que diz respeito à função do espaço nas narrativas literárias. Para ele, os espaços (isto é, os lugares onde as histórias se passam e os elementos que os constituem em termos representacionais) definem se se trata, num primeiro momento, de histórias mais (ou menos) ancoradas no real e, portanto, participam “da construção do *efeito* real (acreditamos na existência desse universo e chegamos a ‘vê-lo’” (Reuter, 2011, p. 52, grifo do autor). Reuter (op. cit., p. 51-52) afirma que o espaço na narrativa participa ativamente do funcionamento da história, conferindo determinados sentidos aos personagens (“o lugar onde um personagem vive e a maneira como ele mora indicam, em consequência, o que ele é” - p. 54), anunciando de maneira indireta a sequência dos acontecimentos (“os lugares e sua atmosfera predizem de algum modo a história que vai acontecer” - p.55), estruturando grupos de personagens, marcando etapas na vida dos personagens e, também, facilitando ou dificultando determinadas ações. O autor apresenta quatro possibilidades analíticas do espaço nas narrativas: a) quais lugares são convocados (correspondentes ao nosso mundo ou não; exóticos ou não; mais ou menos ricos; urbanos ou rurais etc.); b) o número de lugares convocados (um único lugar, vários lugares, uma multiplicidade de lugares etc.); c) o modo de construção dos lugares (explícito ou não; detalhado ou não; facilmente identificável e estável ou não etc.); d) a importância funcional dos lugares (simples moldura; elemento determinante em diferentes momentos do desenrolar da história etc.).

Nesse sentido, foram identificadas três tendências representacionais principais no que diz respeito aos personagens velhos e o espaço no qual as ações destes se desenrolam: a primeira tendência reúne narrativas em que os personagens velhos estão inseridos em contextos familiares ampliados, convivendo em uma mesma residência com filhos, netos ou outras pessoas do grupo familiar. A segunda tendência apresenta o personagem velho em sua própria residência, espaço no qual recebe a visita de familiares, dentre as quais as crianças assumem o protagonismo na história narrada. Já a terceira tendência reúne histórias de

personagens velhos solitários, desvinculados de relações parentais diretas. É sobre essas três tendências que este artigo se debruça.

PRIMEIRA TENDÊNCIA: O PERSONAGEM VELHO COMPARTILHANDO O AMBIENTE FAMILIAR

Tal como já mencionado anteriormente, nesta primeira categoria reunimos as obras que apresentam personagens velhos inseridos em contextos de interação familiar mais abrangente, em uma casa compartilhada com filhos e netos (e, eventualmente, companheiros e companheiras). Trata-se de uma tendência representacional importante e que, em certa medida, corresponde a algumas das estatísticas prevalentes sobre a velhice no Brasil hoje: dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022 indicam, por exemplo, que existem mais de 32 milhões de idosos no Brasil e que a maioria vive com familiares em casas multigeracionais (com cônjuges, filhos, netos, bisnetos etc.). Contudo, é importante termos o estudo de Ramos (2015) em perspectiva, que analisou representações de avós em 24 livros de literatura infantil brasileira e mostrou que

(...) a relação entre avós e netos, no que tange à duração e articulação no tempo, é uma experiência contemporânea. Até pouco tempo, a expectativa média de vida não permitia que muitos avós vissem os seus netos nascer e crescer. No início do século XX, tal índice era de apenas 33,7 anos (...), o que limitava consideravelmente o convívio entre três gerações (Ramos, 2015, p. 192).

Ramos (op. cit.) aponta, ainda, como o aumento da longevidade modificou as configurações familiares e os laços entre as gerações: “hoje, os avós não apenas têm a possibilidade de ver seus netos nascerem e crescerem, mas também tornarem-se adultos e, muitas vezes, pais. Ao longo desse período estendido de coexistência, os avós podem assumir diferentes significados na vida dos netos, mudando o tipo de interação estabelecida, assim como a própria intensidade do contato, quando estes são crianças, adolescentes ou adultos. A fase da avosidade dura o tempo de todo um ciclo familiar, sendo redesenhada durante esses diferentes momentos (...)” (2015, p. 192). É o que vemos, por exemplo, em *O pai da mamãe*, escrito por Cristiana Gomes e ricamente ilustrado por Odilon Moraes (Editora

Caixote, 2020), mostra a descoberta do parentesco e dos laços familiares entre uma menina, sua mãe e seu avô depois de um dia intenso na praia. A menina brinca ativamente com seu avô na areia da praia, em meio ao sol e ao mar - e é o convívio afetoso e as lições dadas por ele que fazem com que a menina entenda, ao fim e ao cabo, que seu avô é o pai de sua mãe. Há um lindo confronto textual e imagético entre o que a menina ouviu dizer sobre o pai de sua mãe (um homem com cabelos castanhos que sempre usava gravata e sapato fechado; alguém que gostava de ler as notícias do jornal e que construía túneis e pontes; um homem que nadava onde não dá pé e as ondas são grandes; um homem que ensinou sua mãe a nadar e a apreciar os dias na praia) e o que ela, de fato, conhece e experimenta com ele enquanto neta. A narrativa evidencia a ação do tempo sobre o corpo, as ações, os comportamentos, as emoções e as prioridades da vida e mostra, ao final, os três juntos, convivendo num mesmo espaço familiar: em volta de uma mesa.

A obra *Enquanto o almoço não fica pronto*, de Sonia Rosa e Bruna Assis Brasil, mostra o cotidiano de uma família formada por duas crianças pequenas, um bebê, a avó, o pai e a mãe. Os ambientes são compartilhados por todos, que se ajudam e se cuidam mutuamente - por exemplo, a avó penteia seus cabelos no banheiro enquanto observa seus netos tomarem banho juntos na banheira e o bebê brinca no chão do banheiro com o cachorro da família. Depois, as crianças aparecem fora de casa, lendo histórias, enquanto o pai é visto arrumando as camas e a avó fala ao telefone de frente para a janela (observando as crianças lá fora, o cachorro no telhado e o bebê engatinhando no chão da sala). A mãe entra na história mais perto do almoço, sendo abraçada pelo pai enquanto as crianças brincam na sala e a avó coloca a toalha e prepara a mesa para a refeição de todos. Percebe-se, na narrativa, que a avó é posicionada como um membro central da família na ausência da mãe, representada como alguém que desempenha, com grande alegria e felicidade, a tarefa do cuidado. Há um clima de muito carinho e de muito afeto, e os ambientes - apesar das ações frenéticas de toda a família e da bagunça feita pelas crianças - são decorados com plantas, almofadas, tapetes etc.

Duas outras obras se notabilizam não apenas pela casa compartilhada entre avós, avôs e netos, mas pela mudança completa de *status* das personagens velhas para avós cuidadoras dos netos: *Cartas de um menino para a pior avó do mundo*, escrita por Neusa Sorrenti e ilustrada por Aline Abreu (Autêntica, 2013), e *Vovó*

esqueceu meu nome, escrita e ilustrada por Lilian Guinski (Giostri, 2018). Na primeira obra, o personagem principal, Enrico, dita uma carta um tanto desaforada para o seu avô escrever e entregar para a avó. Nela, o menino xinga a avó (“implicante”, “mandona”, “xexelenta”, “xereta”) e reclama de todas as cobranças feitas por ela (“Você vive pedindo pra eu ser educado, gastar menos água no banho, escovar os dentes direito, lavar as orelhas, dar descarga depois do xixi e do cocô. E vive falando pra eu lavar as mãos toda hora, e não vê que minha pele fica fina e enrugada, não demora a furar” - p. 9). Tais cobranças são, de fato, muito semelhantes àquelas que uma mãe faria a um filho. Apesar do tom insolente da carta e das reclamações de Enrico, as ilustrações mostram uma avó rigorosa, com o cenho franzido e o dedo em riste, mas também uma mulher carinhosa, abraçada ao neto em fotografias, atenta ao uniforme e à alimentação dele, cuidadosa com as plantas e com a casa etc. Já em *Vovô esqueceu meu nome*, a narrativa em primeira pessoa mostra o neto lembrando-se de eventos ocorridos ao longo de sua criação pela avó: a saída da maternidade (diretamente para a casa da avó), a queda do primeiro dente, a hora da alimentação, a prática do tricô, as “brincadeiras estranhas” ensinadas por ela (pião, bilboquê, bafo etc.), as primeiras doenças, as primeiras letras, a hora da história para dormir etc. O personagem neto mostra com tristeza como, abruptamente, tudo muda quando a avó começa a ficar doente (os papéis se invertem em termos de cuidado), mas não o amor e o afeto entre avó e neto.

Em *Vovô é um super-herói* (Saber e Ler, 2016), escrita por Fernando Aguzzoli e ilustrada por Juan Chavetta, o menino narra como ama o seu avô e como o seu avô é diferente dos demais: “Eu tenho um avô, e ele é incrível! Ele é muito, muito, muito velho, ou eu sou muito novo. Ele mora comigo e com meus pais. Vovô não é como os avós dos meus amigos, nem parece ser como o velhinho da padaria ou o tio que vende cata-ventos na minha rua. Acho até que é segredo, ou talvez não seja mais. Eles acham que sou muito criança para saber. Mas eu sei: meu avô é um super-herói” (p. 3). Ao narrar as aventuras do vovô (que enfrenta um vizinho malvado, esquece panelas no fogão e voa acima das montanhas à procura da fada do esquecimento), vários ambientes surreais são mostrados - por vezes, de forma embaçada, numa alusão à fantasia; outras vezes, de forma a mesclar o real e o imaginário. O personagem velho, na narrativa, é mostrado como um sujeito potente, e não como alguém doente e em déficit de memória e discernimento: aos olhos do

neto, ele é um super-herói que o conduz nas brincadeiras e que o inspira a ter coragem e a vencer os medos na/da vida. A obra conclui enfatizando a permanência do amor e do afeto do neto pelo avô mesmo com a passagem abrupta do tempo - e apesar da presença do “monstro” do Alzheimer.

Já em *A dentadura do seu Mokó*, escrito e ilustrado por Thiago Lopes (Callis, 2014), acompanhamos a “viagem” da dentadura de seu Mokó a partir do momento em que, num momento de distração, ele a derruba no vaso sanitário. Seu Mokó mora com sua esposa e conta com o auxílio de um neto já adulto que chama um encanador para tentar resolver o problema do sumiço da dentadura no vaso sanitário. A narrativa, permeada de muito humor, se desenvolve em dois lugares: dentro do banheiro da casa de seu Mokó, sempre representado de forma monótona (em escala de cinza e com pequeníssimos detalhes em azul claro) e fora de casa (em locais muito coloridos e vibrantes). O banheiro é o “palco” da aflição dos humanos e ele vai, ao longo da narrativa, ficando repleto de pessoas e “profissionais” mobilizados para resolver o problema (um encanador, um padre, um cientista, uma bruxa, um cozinheiro, um jogador de basquete etc.).

Ao mesmo tempo, a dentadura parece realmente divertir-se em mundos estranhos (com seres mais estranhos ainda), percorrendo rios e mares repletos de peixes, jacarés, enguias, algas, corais e outros seres aquáticos. Um pouco da ironia da situação é construída por meio da representação sorridente da dentadura perdida, que parece ter aproveitado imensamente o passeio nos mangues, no alto das árvores (repletas de aves estranhas e outros bichos não identificáveis), na imensidão do céu etc., enquanto que toda a ação dentro do banheiro para recuperá-la gera angústia e desesperança nos personagens. No desfecho, a dentadura acaba voltando ao ponto de partida, surpreendendo a todos - mas seu Mokó, representado como “velhinho desastrado”, “trapalhão”, “distraído” etc. acaba repetindo sua ação inicial. É importante mencionar, ainda, que Mokó é retratado como alguém que, apesar de morar em sua própria casa com a esposa, é dependente da ajuda alheia (neto, pessoas diversas e, até, alienígenas) para sobreviver e resolver um problema aparentemente simples. Além disso, ele apresenta uma série de marcas estereotipadas de velhice - por exemplo, o andar curvado, o uso de bengala, a ausência de dentes, o sono intenso em locais e situações improváveis etc.

O livro *Vó, para de fotografar!*, escrito por Ilan Brenman e ilustrada por Guilherme Karsten (Moderna, 2023), apresenta uma história contada a partir do ponto de vista de uma criança (a neta) que se incomoda com o fato de a avó estar sempre com uma câmera fotográfica na mão. O texto e as ilustrações mostram a avó fazendo manobras para fotografar a neta em situações variadas: numa festa à fantasia, na sua apresentação de dança, no aniversário de sua prima, na visita ao zoológico, na pizzaria, na praia. Nestas circunstâncias a neta demonstra descontentamento e repete seu apelo: “Vó, para de fotografar!”. Ao final da narrativa, a menina tem acesso ao álbum de fotografias feito pela avó e, no contato com as imagens, identifica-se com as cenas retratadas e passa a admirar a arte da avó. Assim, a narrativa explora relações intergeracionais, dando lugar à memória e ao registro, mas também dialoga com outros temas sensíveis, relativos à linha tênue que separa o registro do vivido e a ruptura com a privacidade. As ilustrações são coloridas, dinâmicas e dialogam com o texto complementando-o e permitindo que o leitor acompanhe a cena, o clique da câmera e seu resultado. Nesta obra, a representação da avó foge dos estereótipos usuais que constituem os personagens velhos, uma vez que a avó é cheia de energia, está em situações sociais variadas e maneja com destreza um aparato tecnológico.

A análise do conjunto das obras evidencia que a literatura infantil contemporânea brasileira vem produzindo deslocamentos importantes nas formas de representar a velhice, os vínculos intergeracionais e os modos de organização familiar, ainda que tais deslocamentos coexistam com permanências discursivas e imagéticas historicamente associadas ao envelhecimento. Em termos pedagógicos e culturais, os livros analisados operam como artefatos que ensinam modos de perceber, interpretar e sentir a velhice, a família, o cuidado, a memória, a dependência e o afeto, participando da produção de sensibilidades e formas de dar sentido ao ser velho. Inserindo-se o tema da velhice na literatura, estas obras põem em relevo relações parentais e rearranjos que comportam figuras de avô e avó em espaços de convivência intergeracional como a casa, os eventos familiares, nas relações com vizinhos, a partir de enredos variados e acessíveis às crianças.

SEGUNDA TENDÊNCIA: O PERSONAGEM VELHO EM SUA PRÓPRIA CASA

Uma segunda tendência localizada em nosso estudo posiciona o personagem velho vivendo em sua própria residência, espaço no qual recebe a visita de parentes, notadamente de crianças (netos e netas). A primeira obra representativa desta tendência intitula-se *Os convidados da senhora Olga*, escrita e ilustrada pela autora portuguesa Eva Montanari, com tradução de Peter O'Sagae (1ª edição, Jujuba, 2018). No início da narrativa, o leitor é informado de que “era velha a senhora Olga, e vivia só no alto da colina” (p. 4). Ela é caracterizada como velha, cega, porém organizada e autônoma em sua cozinha, com ótimos ouvidos. Cozinhar era a paixão da personagem Olga, e toda noite ela recebia convidados para o jantar, e cada um deles era reconhecido pelos sons de seu caminhar: o homem de lata, os três mosqueteiros, o soldadinho de chumbo, o personagem literário Dorian Gray, a baleia branca. O texto dialoga intertextualmente com outras obras literárias (que podem ou não ser conhecidas pela criança leitora), e os sentidos vão sendo constituídos tanto pelo texto, quanto pelas ilustrações alusivas aos contextos de onde emergem esses convidados. Apenas no final da narrativa entende-se que se trata de obras lidas pela neta da senhora Olga, a personagem Nina, que vem todas as noites, escolhe um livro entre os muitos da biblioteca da senhora Olga e lê histórias enquanto a personagem velha prepara o jantar. A ambientação da história inclui utensílios domésticos e livros como marcadores do lugar da personagem velha, mas as ilustrações são povoadas pelos muitos personagens com quem a senhora Olga, a partir de recursos intertextuais, compartilha seu jantar.

Em *Um dia com a vovó*, escrito por Andrea Hensgen e ilustrado por Joëlle Tournonias (Globinho, 2013), acompanhamos o personagem Bruno, que volta para casa depois de passar um dia com a avó, e sua mãe pergunta o que ele fez. As ilustrações mostram o menino com sua mãe em um ambiente muito organizado, repleto de marcas afetivas (quadros, desenhos ao estilo de retratos familiares, feitos por ele e colados na parede); bichos de pelúcia; brinquedos). Há um clima de muita intimidade entre mãe e filho, mostrados sem inibições (a mãe veste-se no banheiro com a porta aberta; o menino é visto utilizando o vaso sanitário também com a porta aberta). Há bastante diálogo e interação mútua, já que a mãe demonstra muito interesse pela experiência da criança junto à avó. A obra compõe duas narrativas simultâneas: a versão do passeio no parque de diversões que o personagem Bruno

narra para a mãe, e que se expõe no texto verbal, e a versão que se constrói nas ilustrações, parte fundamental na construção dos sentidos, já que divergem e compõem cenas bastante distintas daquelas contadas pelo menino. Nesse sentido, enquanto Bruno descreve seu comportamento exemplar junto à avó, as imagens mostram travessuras e excessos (como a imagem que mostra o personagem devorando um sorvete gigante ou, ainda, quando a sala da casa da vó é representada de forma caótica - com móveis revirados, rabiscos nas paredes e coisas pelo chão - logo após a volta do menino para casa). De certo modo, a narrativa joga com duas funções sociais distintas: a mãe que educa e conduz as condutas e a avó que “deseduca”, abre espaços de liberdade e cumplicidade com o neto. A personagem velha encena, assim, um universo de afetos incondicionais e de suspensão, ainda que temporária, de proibições sobre a conduta da criança. Ao narrar uma história diferente daquela que vemos emergir nas imagens, o personagem menino omite as travessuras e, de certo modo, protege um espaço afetivo particular cultivado com a avó. Outro aspecto notável da obra é a representação da avó como uma mulher independente (que vai ao parque de diversões com seu cachorro na coleira, compra papeizinhos de sorteio para seu neto, compra sorvete para ambos etc.), que mora sozinha, arruma a sua casa de forma caprichosa, colhe frutos em sua própria horta etc., evitando aquelas representações estereotipadas usualmente relacionadas à velhice (por exemplo, cabelos brancos, esquecimentos, doenças diversas, uso de bengalas etc.).

A obra *Blusa listrada com calça florida: uma história sobre o mal de Alzheimer* (de Bárbara Achnurbush, Artmed, 2010) traz uma narrativa conduzida pelo olhar da neta, recurso que estrutura o espaço ficcional a partir da lógica de uma criança, o que suaviza e, ao mesmo tempo, intensifica o impacto do adoecimento da avó. As cenas iniciais mostram avó e neta lendo histórias, desenhando, assistindo TV, plantando flores no jardim. Assim, embora se trate de uma história de adoecimento, a avó não é reduzida à doença; ela é apresentada inicialmente como personagem autônoma, que reside em sua própria casa e que constrói vínculos de carinho e atenção com a neta. Aos poucos, a personagem avó fica confusa, esquecida e passa a agir de modo estranho - e a instabilidade de seus comportamentos, vista inicialmente com naturalidade pela neta, torna-se fonte de preocupação da neta. É pela voz dos familiares que se constitui o quadro da doença e a representação da

fragilidade da memória da pessoa que adoece de Alzheimer. O texto e as imagens compõem certa fragmentação - de cenas, do tempo e da memória - mas, ao mesmo tempo, possibilitam uma identificação positiva do leitor com a personagem velha na medida em que cada ação estranha da avó é inserida em um contexto e em um tempo compartilhado com a neta. As ilustrações exibem cenários no interior da casa da avó - com elementos tais como uma velha poltrona, um abajur estilo antigo, uma cesta com lãs e agulhas de tricô. Mas é, sobretudo, no jardim da casa que a narrativa se desenrola, entre canteiros floridos, árvores, revoadas de passarinhos, espaços em que a neta constrói vínculos com a avó. Ao final da narrativa, em uma inversão que preserva o aspecto afetivo, aquilo que a neta aprendeu com a avó é reinterpretado como possibilidades para a avó aprender com a neta. Embora o livro contenha aspectos informativos e até pedagógicos em relação à doença, esses elementos estão inseridos em uma narrativa que transforma um tema sensível em uma experiência literária igualmente sensível, que valoriza a experiência compartilhada, sem negar a participação da criança em contextos que envolvem o adoecimento de parentes próximos.

As obras *Colo de avó* (de Roseana Murray e ilustrações de Elisabeth Teixeira, Brinque-Book, 2017) e *Como ser babá do vovô* (de Jean Reagan e ilustrações de Lee Wildish, Companhia das Letrinhas, 2013) também investem na construção de vínculos afetivos entre avôs e netos. Em comum, elas exploram capacidades e habilidades (por vezes, extraordinárias) dos personagens velhos ao construir, com as crianças, espaços de brincadeiras. Em *Colo de avó*, o texto verbal é construído em versos, com frases curtas e forte sentido poético. São múltiplas cenas de interação com avós, remontadas por meio de páginas duplas e textos sobrepostos às ilustrações. Em um dos poemas, a visita dos netos é assim descrita: “Hoje é dia de mudança,/ de trocar coisas de lugar/para a casa ficar animada,/ para a casa virar surpresa,/pois os netos vão chegar.” (Teixeira, 2017, p. 6). As imagens mostram a personagem velha rodopiando pela sala, dispondo objetos, almofadas e preparando alimentos. Pequenos animais interagem de longe: um cão, um porquinho, um gato e revoadas de pássaros. O espaço da casa de avós é representado, nas ilustrações, por meio de móveis antigos - cristaleiras e armários clássicos, louças decoradas, sofás arredondados, armários ornamentados ao estilo de entalhe em madeira, cadeira de balanço, máquina de costura com tecidos por

costurar. As personagens avós não são, apenas, aquelas que têm “colo macio e o abraço mais apertado”, como se afirma na contracapa do livro e, sim, por imagens ambivalentes de avós companheiras de aventuras, de avós que transformam a casa e o jardim em cenários de brincadeiras: “a sala vira barco: duas almofadas bastam e lençóis, algumas cordas. A avó, amarrada no mastro, olha seu neto, o terrível Pirata Perna de Prata [...] - Ou me leva ao cinema, compra chocolate e vai comigo ao parque, ou andará pela prancha até mergulhar no mar de tubarões” (p. 8). Na obra, as personagens avós são narradas, também, como cúmplices de pequenas travessuras e transgressões junto aos netos: como quando chocolates e pipocas são as recompensas depois de aventuras, ou em cenas de uma avó passeando alegremente de triciclo com a neta “até alcançar a nuvem mais alta” (p. 16). As avós são animadas, parceiras, ativas, divertidas, elas brincam, saltam, dançam, pescam, plantam, correm e são capazes de coisas que ultrapassam os limites de um corpo velho. A obra também insere o tema da morte da avó, afirmando que, quando ela vai embora, “se muda para o céu” - e se antes preparava sonhos em sua cozinha, passa então a fabricar os mais belos sonhos “feitos com pó do Universo” (p. 27) para os netos sonharem enquanto dormem.

No livro *Como ser babá do vovô* (Companhia das Letrinhas, 2013), acompanhamos a chegada do sorridente avô na casa do pequeno neto - personagem e narrador da história. É interessante observar que, ao invés de ser ambientada na casa do avô, a história acontece na casa do neto, onde o avô é quem vem para passar o dia. A brincadeira inicia assim que o avô entra na sala, e a criança se esconde para que ele a procure. Sob uma estrutura leve e humorística, a narrativa articula temas sensíveis como inversão de papéis - quando os pais da criança saem para o trabalho e o avô assume seus cuidados. A obra destaca, sobretudo, o afeto intergeracional, construído por meio das brincadeiras que o avô faz com o neto, mas que, sob o ponto de vista da criança narradora, é a criança que assume, de forma imaginativa, o papel de “babá” do avô. Nesse sentido, a narrativa valoriza a perspectiva da criança como legítima, e as dinâmicas da casa são apresentadas como se integrassem um manual de instruções. Assim, o personagem narrador ensina como cuidar do vovô: “pergunte se ele está com fome”; “Quando papai e mamãe saírem para trabalhar, segure a mão do vovô e diga: Não fique assim, Vovô. Daqui a pouco eles voltam!”. Imagem e texto vão “ensinando” de modo

bem humorado como passear com o vovô, como entretê-lo em casa, como brincar com o vovô e permitir que se divirta com segurança, em uma inversão de papéis entre o adulto e a criança. Ao longo da narrativa, avô e neto interagem e espalham brinquedos pela casa, que são recolhidos antes que os pais regressem. Avô e neto se despedem, e o personagem menino pergunta quando poderá tomar conta do avô novamente, gerando, ao final, um sentido afetivo de cuidado recíproco. O personagem velho é construído, também, como parceiro de brincadeiras e, apesar de imaginativamente “ser aquele de quem se cuida”, ele não é construído como figura frágil ou dependente e, sim, como figura afetiva e disponível, que pactua o ponto de vista da criança.

As obras analisadas nesta segunda tendência compartilham um conjunto significativo de elementos narrativos, expressos em textos verbais e imagéticos que permitem pensar nas relações intergeracionais e das representações da velhice, tendo em vista um leitor criança. Ainda que cada narrativa mobilize estratégias distintas, prosa e verso, humor, fantasia, doença, cotidiano doméstico, espaços de aventura, há alguns pontos de convergência que podem ser destacados. Um destes aspectos refere-se à centralidade do espaço doméstico como lugar privilegiado de convivência afetiva entre crianças e personagens velhos, e estes são construídos como afetivamente centrais na vida das crianças.

Em praticamente todas as obras, a casa aparece como cenário fundamental das experiências intergeracionais: a cozinha e a biblioteca da senhora Olga; a casa organizada da avó em *Um dia com a vovó*; o jardim e os ambientes internos em *Blusa listrada com calça florida*; a casa transformada em espaço lúdico em *Colo de avó*; ou ainda a casa do neto em *Como ser babá do vovô*. Esses espaços domésticos seriam familiares e afetivos para os pequenos leitores, neles se estabelecem vínculos, memórias, brincadeiras e aprendizagens nas histórias narradas. A casa da pessoa velha é representada como lugar de acolhimento, imaginação, intimidade, mas também é marcada por objetos antigos, que remetem à experiência vivida e à memória. Mesmo quando a narrativa tematiza fragilidade, adoecimento ou perda de memória, como em *Blusa listrada com calça florida*, o vínculo afetivo permanece como eixo organizador da relação entre netos e avós.

As histórias também convergem na valorização da perspectiva infantil como organizadora da narrativa. Em várias obras, os acontecimentos são narrados pelo

olhar da criança, o que desloca as formas de representar a velhice e pode construir identificações por parte do leitor. Em *Como ser babá do vovô*, por exemplo, ocorre uma inversão imaginativa dos papéis de cuidado, na qual a criança “cuida” do avô. Em *Um dia com a vovó*, as ilustrações revelam experiências diferentes daquelas narradas verbalmente pelo menino. Já em *Os convidados da senhora Olga*, o universo imaginativo da literatura compartilhada entre avó e neta reorganiza os sentidos da narrativa. Em todos esses casos, a personagem criança é central na história, ela interage, motiva, apoia, acompanha, aprende e ensina os personagens velhos.

Outro elemento recorrente é a associação entre velhice, imaginação e brincadeira. Algumas dessas obras mostram avós e avôs como parceiros ativos de aventuras, jogos e experiências imaginativas. Ao mesmo tempo em que essas representações permitem estabelecer cumplicidade entre os personagens, ela também reforça certo sentido cultural de perda de autonomia e dependência que leva a um sentido de infantilização do velho. À luz das reflexões de Debert (1999), podemos interrogar sobre representações culturais da velhice que reiteram a debilidade e a fragilidade dos sujeitos, que na literatura pode emergir da aproximação entre gostos, preferências e traquinagens que fazem as crianças e os velhos quando longe do olhar de outros personagens adultos (jovens). Na tradição literária mais recente, as representações do personagem velho oscilam entre posições de autonomia ativa e posições de tutela e dependência, conforme se observa em escritos anteriores (Silveira e Bonin, 2010; Silveira, Bonin e Ripoll, 2012).

TERCEIRA TENDÊNCIA: O VELHO SOLITÁRIO

Uma terceira tendência liga-se à representação do velho enquanto personagem solitário e desconectado de relações parentais ou mesmo sociais com outros personagens humanos. É o caso da obra *Vovó viaja e não sai de Casa?*, escrita por Sylvia Orthof e ilustrada por Bebel Callage (1ª edição, Editora Rovel, 2012), na qual apresenta-se a personagem avó (sem nome próprio, simplesmente vovó), que no interior de sua casa cria situações alusivas a viagens realizadas sem sair de casa. Essa “vovó turista” brinca pela casa e, acompanhada do personagem

gato, simula contextos assim descritos: “vovó turista vai pro fogão, faz a comida... em alemão” (p. 8); “Vovó turista vai pro Japão, desce a escada lá do porão, vai com seu gato, que é siamês, mia com ele em japonês” (p. 10-11). O texto prossegue inserindo a personagem em cenários da casa e, no diálogo com as ilustrações, posiciona a personagens entre roupas, objetos, alimentos representativos de diferentes países, que podem sugerir viagens reais realizadas pela personagem ao longo da vida. Ao final, uma última viagem posiciona a vovó entre as estrelas - “Vovó turista saiu de casa, fingiu ser anjo, fingiu ter asas, foi pro horizonte do perto-longe...” (p. 20-21) e a ilustração complementa o sentido, mostrando a casa vazia. O texto abre-se, assim, para uma leitura possível de finitude/morte, mas de forma não explícita, mantendo a ambiguidade e dando espaço para o trabalho interpretativo.

Há obras em que a personagem velha não está completamente isolada, mas também não possui vínculos parentais. É o que ocorre em *Uma estátua diferente* da escritora belga Charlotte Bellière, ilustrada por Ian de Haes, traduzida e adaptada por Clara Colotto (1ª edição, Editora Ler e Saber, 2013). A obra localiza a personagem central - nomeada apenas como “uma velhinha” - em um edifício situado na esquina de uma avenida movimentada, e é caracterizada como alguém que caminha com dificuldade e tem medo de enfrentar o trânsito, razão porque ela pega pela mão qualquer transeunte para ajudá-la a atravessar a rua. As ilustrações complementam os sentidos do texto, mostrando situações cotidianas e reações de outros personagens, que variam entre expressões de acolhimento, surpresa e desprezo. A cena deflagradora de conflito ocorre quando um personagem (homem jovem, vestindo traje formal e portando uma pasta em que se lê “urgente”) recusa-se a ajudá-la. A situação é exagerada, talvez como estratégia para gerar identificação com o sofrimento da personagem velha, que escuta insultos: “- Mas que loucura é essa? Não! Velhota! Qual é o seu problema?”. O choque com a reação agressiva transforma a personagem, conforme a narrativa, “em uma estátua aborrecida e triste”. As cenas seguintes mostram várias tentativas de recuperá-la - o médico e o curandeiro Mamandu são chamados, “livros eruditos” são consultados, mas nada responde à pergunta sobre o que teria gerado a paralisia da personagem velha. No desfecho, ela é curada pelo afeto da família de vizinhos, que se propõe a fazer as compras por ela. Tudo vira festa no final.

Há outras obras que apresentam contextos afetivos vividos entre personagens que são amigos e não possuem laços parentais. O livro *Marina e Mariana*, escrito por Georgina Martins e ilustrado por Salmo Dansa (1ª edição, Ed Araguaia, 2013), tem como protagonistas as duas personagens velhas que nomeiam a obra e, ainda, o personagem narrador, um cão. Essa narrativa condensa tensões e sentimentos humanos, tais como a separação, a perda e a reconciliação. A obra é ilustrada em tons de cinza com personagens sobrepostos a imagens de negativos fotográficos, como recortes de memória retidos em fotografias antigas. O ilustrador descreve, em paratexto, que a inspiração partiu de certo sentido de obsolescência do negativo fotográfico frente às técnicas da fotografia digital. Desse modo, mobiliza-se também o sentido de velhice obsoleta. É pela voz do cão (estratégia narrativa que desloca o foco de atenção, por meio de uma mediação animal expressa como olhar sensível, observador e companheiro) que se narra a rotina solitária de Mariana, sentada na sala de casa, assistindo sem interesse a um programa de TV. O narrador informa que Marina e Mariana eram amigas de longa data, cresceram juntas, mas um dia “brigaram feio”. Uma cena de reconciliação é delicadamente inserida e as ilustrações permitem ver as personagens compartilhando chás e memórias (e são retratadas nas ilustrações como se emergissem de negativos fotográficos). O final é aberto à interrogação sobre esse reencontro: seria, de fato, um encontro de reconciliação entre amigas ou fruto da imaginação da personagem solitária?

A solidão do personagem velho também é apresentada nas obras *A casa e a Velha* (Texto de Adriano Gomes e ilustrações de Raíssa Bulhões 1ª edição, Editora Comunique, 2016) e *O velho e a mosca* (de Bel Barcelos, 1ª edição, Editora Rocco, 2012). As duas narrativas incorporam recursos estéticos no texto e na imagem que permitem ao leitor inferir os sentidos de solidão. Assim, os personagens velhos são posicionados em contextos de ausência de relações humanas significativas (estão sempre sozinhos no interior da casa, que aparece como proteção e, ao mesmo tempo, como clausura). Os vínculos sociais inexistem e, na obra, ocorre uma espécie de fusão entre a velha e seu ambiente - “era uma vez uma casa muito velha”/ “nela morava uma velha, desprezada e esquecida” (p. 6). As imagens mostram a personagem triste, cabisbaixa, sentada em uma poltrona de padrões antigos, com móveis envelhecidos e cobertos com teias de aranha e espaços sujos e desorganizados, sentidos associados figurativamente à solidão, e revertidos ao final

da narrativa. Seu passatempo era viver de recordações, conforme o texto, sem forças por causa do desencanto. Já em *O velho e a mosca*, a casa se destaca em uma imagem cuidadosa de uma casa sobre uma colina, em uma cena quase bucólica. O texto informa: “no meio daquele nada, muito sol, muito vento e uma só casa com um velho dentro” (p. 5). Inicia-se, assim, uma interação entre o personagem velho e a mosca, e é precisamente a mosca que rompe momentaneamente o isolamento e dá dinamismo ao espaço pacato e linear da velhice ali representada. A imagem do personagem velho reforça sentidos associados a um cotidiano repetitivo, silencioso e solitário, reforçada nas imagens da casa velha, quase vazia, com poucos móveis e utensílios, e do personagem velho trajando pijama e pantufas. No desfecho das duas narrativas, o personagem velho é retirado de um sentido de marasmo por meio da ação de uma criança ou de um animal.

Um primeiro aspecto que pode ser mencionado em relação às obras representativas desta tendência é a forma de nomeação dos personagens. Apenas uma das obras apresenta o personagem com nome próprio - a senhora Olga - e os demais nomeiam os personagens como velho, velha ou velhinha. Essa escolha literária pode ser interpretada como marca de apagamento identitário do sujeito idoso. Desse modo, as narrativas tendem a reduzir o personagem à sua velhice, esvaziando outras dimensões da existência. Conforme Hall (2006), a identidade é uma construção discursiva que se dá por meio da linguagem e das representações. Nesse sentido, a nomeação genérica e a redução simbólica da figura do velho a uma característica única pode ser entendida como uma forma de representação por meio de estereótipos. Mas essa representação dialoga com repertórios mais amplos, que, conforme Beauvoir (1990), reduzem a velhice a uma condição social marcada por invisibilidade e despersonalização.

Um segundo aspecto a destacar refere-se à presença de animais companheiros que substituem vínculos sociais e, ao mesmo tempo em que evidenciam a solidão ou a ausência de outros personagens humanos, atenuam a experiência de isolamento. Em obras literárias para crianças, o personagem animal opera, algumas vezes, como recurso narrativo para tratar temas difíceis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos no presente texto algumas representações da velhice em livros de literatura para crianças, buscando indicar de que modo este tema sensível é trazido para o universo da leitura literária para crianças. Foram identificadas três tendências representacionais principais: na primeira os personagens velhos estão inseridos em contextos familiares e compartilham a moradia com outros familiares que são responsáveis por seu bem estar. Nesses casos, a velhice é representada de forma integrada ao cotidiano da família, sendo as histórias construídas a partir de interações e partilha de experiências intergeracionais. Percebe-se, nessas obras, um ambiente marcado por forte presença de porta-retratos, fotos e álbuns de família, mesas grandes com muitas cadeiras, objetos comuns à família que colaboram para enlaçar as vidas dos personagens em um espaço comum. A segunda tendência que analisamos apresenta o personagem velho em sua própria residência, espaço no qual recebe a visita de familiares. Neste conjunto de histórias, as relações sociais com filhos e netos também ocorrem, assim como o vínculo afetivo entre os personagens velhos e, de modo especial, os personagens criança. Entretanto, as narrativas estruturam-se a partir de espaços de domínio do personagem velho, com seus pertences, móveis, utensílios e objetos marcados também pelo tempo (aspectos que os caracterizam como antigos). Por fim, na terceira tendência analisamos histórias de personagens velhos solitários, desvinculados de relações parentais diretas. Nessas obras, a velhice é frequentemente associada ao isolamento, à ausência de laços familiares próximos ou à vulnerabilidade do corpo velho, o que coloca em cena questões como o abandono e representações que enlaçam velhice e memória. Observamos, assim, que a velhice figura entre os temas construídos no espaço da literatura em representações ambivalentes e dinâmicas que constantemente se transformam, mas que também reafirmam certos estereótipos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Iêda Carvalhêdo. Memória e esquecimento: os avós na Literatura Infantil Contemporânea. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39975/1/2018_eve_icbarbosa.pdf, acesso em 09/05/2026.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CADEMARTORI, Lígia. **O Professor e a Literatura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CARLO-GOMES, Geam; COSSON, Rildo. O ensino da literatura como leitura literária. In: CARLO-GOMES, Geam; COSSON, Rildo (Org). **A leitura literária na escola e na universidade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2021, p. 15-29.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

FERREIRA, Juliana Cristina. O Ensino de Literatura no Brasil: uma abordagem no currículo do Ensino Médio. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 26, p. 01-11, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KAERCHER, Gladis E. P. da Silva; DALLA ZEN, Maria Isabel. A velhice na literatura infantil brasileira contemporânea. **Discovering Worlds of Literacy – Proceedings of the 16th European Conference on Reading and 1st Ibero-American Fórum on Literacies**. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009. p. 1-9.

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Apresentação: literatura infantil e diferenças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1045–1052, out./dez. 2013.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

RAMOS, Anne Carolina. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. A nova imagem de avós na literatura contemporânea infantil Brasileira. *Dialogia*, São Paulo, n. 46, p. 1-15, e24306, set./dez. 2023.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Velhice e morte na literatura para crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas. **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (IX ANPEDSUL)**, Caxias do Sul, RS, 2012.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Iara Tatiana. Questões de gênero em representações de “ser velha” na literatura para crianças. In: **Anais do Fazendo Gênero 9**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana. Conversas literárias com crianças sobre diferenças e temas polêmicos. CARLO-GOMES, Geam; COSSON, Rildo (Org). **A leitura literária na escola e na universidade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2021, p. 67-82. Silveira e Bonin, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel et al. **A diferença na literatura infantil**: narrativas e leituras. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. Corpos velhos e doentes para crianças: uma análise de livros de literatura infantil. **Nonada – Letras em Revista**, v. 2, n. 21, 2013.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; RIPOLL, Daniela; KIRCHOF, Edgar Roberto. Demência e Alzheimer: a velhice em livros literários para crianças. In: SOUZA, Renata Junqueira; LIMA, Joaes Cabral (Orgs.). **Literatura e infância: mediação da leitura literária por meio de temas sensíveis**. São Paulo: Paco, 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.